

# TERRITÓRIOS SONOROS E AMBIÊNCIAS: ETNOGRAFIA SONORA E ANTROPOLOGIA URBANA

Viviane Vedana<sup>1</sup>

## Introdução

Há alguns anos, no âmbito do grupo de pesquisa Banco de Imagens e Efeitos Visuais (PPGAS/UFRGS), temos nos dedicado a pesquisa e investigação antropológica a partir de três objetos de estudo que podemos considerar como principais: a cidade, a memória coletiva e a imagem. O princípio que orienta estas pesquisas foi delineado por Eckert e Rocha (2005), coordenadoras deste grupo, ao apontarem a cidade como “objeto temporal”, ou seja, como fenômeno constituído a partir dos enraizamentos de um tempo coletivo e que pode ser compreendido e interpretado a luz de uma “etnografia da duração” (Eckert, Rocha, 2005). O conceito bachelardiano de duração (Bachelard, 1988) é aqui fundamental, pois nos conduz a investigação dos ritmos temporais que dinamizam a vida urbana, através da observação das transformações e discontinuidades que a compõem. Da mesma maneira, o conceito simmeliano de formas da vida social (Simmel, 1981) nos permite compreender como se expressam os simbolismos subjacentes aos gestos e ações dos sujeitos em seus arranjos cotidianos – nas formas de sociabilidade, itinerários urbanos, práticas cotidianas e trajetórias sociais – que estão constantemente configurando e re-configurando a cidade moderno-contemporânea<sup>2</sup>.

Ainda é importante fazer referência ao conceito de imagem simbólica, de Gilbert Durand (1988), do qual nos apropriamos como forma de pensar os vínculos entre a memória coletiva e o fenômeno urbano. Neste caso, é através da idéia de imagem simbólica e de trajeto antropológico (Durand, 1988, 2001) que buscamos percorrer a transformação nas formas da vida social, ou seja, as continuidades e discontinuidades próprias do fenômeno urbano. Trago aqui esta breve apresentação de alguns eixos conceituais norteadores da pesquisa antropológica realizada no âmbito do Biev<sup>3</sup> para situar o leitor em alguns caminhos que seguirei neste texto,

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.

<sup>2</sup> Nossa filiação ao campo de pesquisa da Antropologia Urbana se dá principalmente a partir dos estudos de Gilberto Velho e alguns de seus conceitos-chave, tais como: a idéia de sociedades complexas, a heterogeneidade de estilos de vida e a diversidade de campos de possibilidades que constituem a vida dos indivíduos na cidade.

<sup>3</sup> Não cabe neste texto desenvolver de forma exaustiva a filiação teórico-conceitual do Biev para a

principalmente ao apresentar algumas das etnografias que tem sido desenvolvidas por este grupo de pesquisa. Como coordenadora do Grupo de Trabalho em Etnografia Sonora<sup>4</sup>, acompanhei muitas pesquisas etnográficas que se dedicaram a pesquisa com sons no meio urbano, e é a partir desta experiência que vou desenvolver este ensaio.

Como apontei acima, neste trabalho irei percorrer inicialmente algumas etnografias desenvolvidas pelo Biev, concentrando-me naquelas que têm como um de seus procedimentos metodológicos a etnografia sonora, buscando a partir daí construir a idéia de um território sonoro, bem como refletir sobre sua dimensão interpretativa para os estudos *na* e *da* cidade (Velho, 1980). Em seguida, apresentarei algumas reflexões sobre a etnografia sonora que tenho desenvolvido a partir do projeto de pesquisa Habitantes do Arroio<sup>5</sup>, onde a cidade é pensada sob a perspectiva do meio ambiente e da memória, suscitando questionamentos sobre a relação entre uma paisagem sonora urbana e o “ambiente natural”, no tempo.

### **Etnografias Sonoras na Cidade: algumas experiências do Biev**

A etnografia sonora, conforme temos definido em alguns artigos e ensaios<sup>6</sup>, refere-se a um procedimento metodológico de investigação da vida social a partir das sonoridades, ruídos e ritmos que configuram ambiências e paisagens sonoras. Os sons

---

campo da Antropologia Urbana, estudos de memória coletiva e imagem. Indico ao leitor que procura mais detalhes o site da revista eletrônica Iluminuras (<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras>) onde se encontram diversos artigos que explicitam nossa abordagem sobre estes temas, bem como o livro “O tempo e a cidade” (Eckert e Rocha, 2005).

<sup>4</sup> O Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV) está inserido no Núcleo de Pesquisas sobre Culturas Contemporâneas, do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS. Atua na pesquisa em Antropologia Urbana, Memória Coletiva e Imagem desde 1998 e está dividido em grupos de trabalho ou comitês: GT Escrita e Etnografia, GT Etnografia Sonora, GT Fotografia e Coleções Etnográficas, GT Narrativas Etnográficas em Vídeo. Maiores informações no site: <http://www.biev.ufrgs.br/>

<sup>5</sup> Segundo o blog <http://habitantesdoarroio.blogspot.com> “O Habitantes do Arroio: estudo de conflitos de uso de águas urbanas, risco, saúde pública e comunidades étnicas em Porto Alegre-RS é um projeto de pesquisa e ação, voltado para a descoberta das situações de conflito e interdependência entre grupos sociais diversos, instituições e técnicos de diversas áreas envolvidos cotidianamente com os usos (e abusos) das águas do Arroio Dilúvio, em Porto Alegre. É financiado pelo CNPQ e executado pelo grupo de pesquisa Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV/LAS/UFRGS) e pela ONG Instituto Anthropos, com o apoio da Secretaria de Meio Ambiente do Estado do Rio Grande do Sul (SEMA-RS).”

<sup>6</sup> Entre estes artigos podemos citar: ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. VEDANA, Viviane. *A representação imaginal, os dados sensíveis e os jogos da memória: os desafios do campo de uma etnografia sonora*. In: Anais do VII Congresso de Antropologia do Mercosul (VII-RAM), Porto Alegre, 2007, CD-ROOM. VEDANA, Viviane. *Sobre o mergulho na descoberta dos sons – experiência de escrutínio dos dados sonoros através da sua inserção no Banco de Sons*. Revista Iluminuras n° 21, 2008, Porto Alegre, PPGAS/UFRGS. BARROSO, Priscila Farfan; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da.; VEDANA, Viviane. *O sentido do trágico na paisagem sonora do mundo urbano contemporânea*. Revista Iluminuras n° 19, 2007, Porto Alegre, PPGAS/UFRGS.

emanados de gestos e práticas, das máquinas e utensílios, das sociabilidades e conversas, entre tantos outros, passam então ao primeiro plano das preocupações etnográficas do pesquisador, deixando de ser um mero resultado das ações cotidianas, sem grande importância, para ser compreendido como parte das expressões culturais e simbólicas que constituem a vida humana. Trata-se principalmente do entendimento do som como imagem simbólica (Durand, 2001) a partir da qual se pode tanto interpretar como representar a vida social<sup>7</sup>. O som, ou a imagem sonora (Rocha, Vedana, 2007), torna-se então nosso objeto de estudo.

Assim, tanto em pesquisas de iniciação científica de alunos de graduação no curso de Ciências Sociais, como em pesquisas de mestrado e doutorado, o Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV) tem se dedicado ao estudo das sonoridades da vida urbana, das paisagens e ambiências sonoras. Em geral, nestas pesquisas, a escolha de um determinado espaço da cidade a ser etnografado está relacionada a uma temática de estudo bem como a um objeto de investigação específico no âmbito da antropologia urbana. Um dos primeiros procedimentos adotados pelos pesquisadores em sua pesquisa de campo é a etnografia de rua (Eckert, Rocha 2002): caminhadas pelas ruas da cidade, observação das práticas que ali se desenrolam e dos personagens que a habitam, atenção às sonoridades, às edificações, ao movimento da rua e, é claro, anotações em cadernos de campo e descrição em diários. A etnografia de rua neste sentido, se complexifica a cada saída de campo, na percepção das recorrências e discontinuidades que conformam o espaço urbano. Entre estas recorrências ou discontinuidades percebidas em campo e registradas em cadernos de notas estão também as imagens sonoras próprias do fenômeno pesquisado.

A observação sistemática destas sonoridades, bem como o processo de captação de imagens em campo, seu posterior tratamento em coleções etnográficas e acervo, e mesmo a montagem de narrativas, são etapas fundamentais de uma pesquisa em etnografia sonora e nos dão subsídios para a produção de um conhecimento antropológico sobre o som e suas formas de expressão da cultura. A cada etapa da etnografia sonora, construímos camadas distintas de interpretação das formas da vida social com as quais estamos em contato: sejam as redes sociais entre trabalhadores no centro da cidade, as relações de vizinhança entre moradores de um determinado

---

<sup>7</sup> Parte do nosso trabalho com etnografia sonora no interior do Biev passa pelo registro das imagens sonoras do fenômeno pesquisado, pelo tratamento documental e acervo destas imagens, bem como pela construção de narrativas etnográficas sonoras como representação da vida social.

bairro, as práticas cotidianas relacionadas ao comércio de alimentos na cidade, os usos do espaço público para o lazer ou para o trabalho, as práticas e rituais religiosos, etc. apenas para apontar alguns exemplos.

Uma das etnografias que gostaria de citar aqui como exemplo deste processo é a pesquisa de Priscila Farfan Barroso<sup>8</sup>, sobre as redes sociais de vendedores ambulantes de CDs e DVDs na Rua Voluntários da Pátria em Porto Alegre. Esta pesquisa iniciou em 2007 e atualmente está em fase de finalização, com a escrita do Trabalho de Conclusão de Curso da pesquisadora. Em sua pesquisa de campo, Priscila Farfan Barroso identificou as práticas cotidianas destes vendedores ambulantes, bem como as formas e usos do espaço público que colocavam em prática, entre elas, os anúncios constantes de CDs e DVDs que preenchiam o espaço da rua. Entre as vozes que anunciavam os produtos, o trânsito de ônibus e automóveis pela região, as conversas fugidias de pedestres e clientes em potencial, a pesquisadora identifica uma composição sonora própria do lugar, traçando os limites simbólicos que definem o espaço de adesão destes vendedores de rua. A particularidade desta rua, no centro de Porto Alegre, é conferida justamente pelo arranjo destes vendedores ao se colocarem lado a lado na ocupação de calçadas, dividindo o espaço com um grande número de pedestres que passam por ali todos os dias. Além disso, a ritimicidade das vozes que anunciam seus produtos (CDs e DVDs), chamando os fregueses às compras, combina-se com as sonoridades dos anúncios dos próprios lojistas, que com o apoio de sistemas de som e microfones, também apresentam aos passantes as ofertas de seus estabelecimentos. Estas imagens sonoras, entre outras, conduziram a investigação de Priscila Farfan Barroso a refletir sobre os usos do espaço público e os arranjos sociais e coletivos que configuram esta rua.

Diferente da ambiência de outras partes desta mesma rua, e também de outras ruas, as sonoridades emanadas ali, em certo trecho da Voluntários da Pátria, conferiam uma aura ao lugar, uma aura de rua popular e de comércio, cuja dinâmica cultural percorre as rupturas e discontinuidades vividas pelo trabalho informal, a partir das táticas deste trabalhadores urbanos para “sobreviver” às regulamentações tanto do trabalho como dos usos do espaço. Através desta síntese do trabalho que vem

---

<sup>8</sup> Bolsista de Iniciação científica FAPERGS do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, orientada por Ana Luiza Carvalho da Rocha (coordenadora do BIEV). Ver entre outros BARROSO, Priscila Farfan. *Caminando por matices sonoros de una calle habitada: vendedores ambulantes y sus rastros perseguidos*. Revista Chilena de Antropología Visual, v. 11, p. 118-133, 2008.

sendo desenvolvido por Priscila Farfan Barroso, podemos perceber algumas pistas dos cenários com os quais nos deparamos na pesquisa de campo e que nos conduzem a refletir sobre a idéia de território sonoro como uma forma de interpretar as ambiências configuradas pelos sujeitos em seus espaços vividos.

Outra pesquisa de iniciação científica, ainda em desenvolvimento, que recorre à etnografia sonora é a de Stéphanie Ferreira Bexiga<sup>9</sup>, que investiga os ritmos temporais que conformam o Bairro Tristeza na cidade de Porto Alegre. Ao longo dos anos este bairro tem passado por inúmeras transformações, entre elas a construção de uma grande avenida que reconfigura a estética urbana local. Em suas caminhadas pelo bairro, através da etnografia de rua, a pesquisadora observa as nuances que diferenciam a ambiência sonora da grande avenida e o trânsito intenso de carros que por ali circulam (propósito para o qual foi construída) das sonoridades mais intimistas do interior do bairro, composto por latidos de cães e canto de pássaros, restando o trânsito cada vez mais distante à medida que adentra as ruas do bairro e seus recantos. Esta diferença aparentemente banal entre as sonoridades de uma grande avenida (comum nas grandes cidades moderno-contemporâneas) e aquelas de ruas menores, habitadas muito mais pelas sociabilidades de vizinhança e pelo canto dos pássaros do que pelos automóveis, propõe questões à pesquisadora: quais os laços que perduram no tempo do bairro, apesar de suas transformações, e que permitem estas ambiências? Como compreender, através de uma etnografia sonora e de uma etnografia da duração, esta atmosfera do bairro que apresenta limites entre as sonoridades de diferentes espaços?

Nota-se então que, no decorrer das pesquisas que desenvolvemos sob a égide de uma etnografia sonora, estabelecemos algumas comparações e interpretações sobre os cenários urbanos com os quais interagimos, e a partir daí percebemos as nuances e limites entre territórios. Tanto nestas duas pesquisas aqui brevemente apresentadas, como em minha pesquisa de mestrado e doutorado nos mercados de rua e feiras-livres<sup>10</sup> da cidade moderno-contemporânea<sup>11</sup>, esta questão das diferentes ambiências

---

<sup>9</sup> Bolsista de iniciação científica do Biev pelo CNPQ, orientanda de Ana Luiza Carvalho da Rocha, coordenadora do BIEV.

<sup>10</sup> “No mercado tem tudo o que a boca come: estudo antropológico da duração das práticas cotidianas de mercado de rua no mundo urbano contemporâneo”. Tese de Doutorado, Orientação de Cornelia Eckert, PPGAS/UFGS, 2008. “Fazer a Feira: estudo etnográfico sobre as artes de fazer de fregueses e feirantes da feira-livre da Epatur no contexto urbano de Porto Alegre”. Dissertação de Mestrado, Orientação de Cornelia Eckert, PPGAS/UFRGS, 2004.

se colocou. Ao estudar os simbolismos da circulação do alimento nos mercados de rua, observei que as práticas cotidianas de “fazer a feira”, de comprar e vender alimentos no contexto da rua se constituíam a partir de fortes laços sociais e simbólicos entre os *habitués* destes mercados. Estes laços se expressavam principalmente através das jocosidades entre fregueses e feirantes, bem como da circulação da palavra entre eles, elementos centrais das sociabilidades dos mercados, também compostas pelos anúncios ritmados dos alimentos à venda e suas qualidades, das sonoridades de gestos e utensílios próprios deste espaço. O mercado se apresentou, desta forma, como arranjo social derivado destas práticas cotidianas de compra e venda e de seus simbolismos – e não propriamente como motivador destas práticas – expressando-se a partir de uma ambiência de fruição estética (Maffesoli, 1996). Uma ambiência de partilha de sentidos, onde cores, sons e cheiros diversos compunham um cenário particular no interior da vida urbana dos bairros e ruas que recebiam os mercados. Assim, podia-se perceber diferentes paisagens sonoras no contexto do bairro em “dias de feira” e em dias sem a feira, e mesmo no interior do mercado e fora dele, da mesma forma que os diferentes mercados das cidades pesquisadas apresentavam suas particularidades em termos das suas ambiências sonoras.

Neste ponto abro um pequeno espaço, antes de prosseguir a argumentação sobre a idéia de territórios sonoros para o caso do contexto urbano. Foi principalmente através desta pesquisa de doutorado, onde tive a oportunidade de etnografar os gestos e as artes de fazer e nutrir (De Certeau, 1994) nos mercados de rua em diferentes cidades, que foi possível começar a delinear uma diferença entre paisagem sonora e ambiência sonora, termos aqui importantes para a compreensão global sobre o processo de etnografia sonora e seus “resultados”, no sentido da produção de conhecimento em antropologia urbana, mas também para refletirmos sobre as potencialidades interpretativas da idéia de um território sonoro. É claro que este processo de pesquisa sobre ambiência e paisagem sonora não se deu na solidão da escrita da tese, mas em conjunto com o Grupo de Trabalho em Etnografia Sonora, no Biev, onde podia colocar em discussão estas idéias, que também se construía nas pesquisas dos outros integrantes do grupo.

---

<sup>11</sup> Esta pesquisa foi realizada nas cidades de Porto Alegre e São Paulo, no Brasil, e Paris, na França. Ver VEDANA, 2008.

Partindo dos estudos simmelianos sobre a filosofia da paisagem (1932) onde esta última é vista como um recorte em um todo indiferenciado que delimita sentidos e contornos; articulando-os às análises de M. Schaffer (2001) sobre uma paisagem sonora mundial, ou seja, o estudo de um determinado ambiente a partir dos sons, passamos a entender a paisagem sonora no âmbito do BIEV, como um recorte, um enquadramento sonoro que permite delimitar planos e profundidades, que expressa determinadas formas em um espaço ou ambiente. Falamos então de paisagem sonora urbana, tendo em vistas os enquadramentos sonoros possíveis dentro da complexidade das formas de vida na cidade. Certamente, trata-se de uma categoria abstrata a partir da qual podemos imaginar – no sentido bachelardiano do termo – a composição de diferentes elementos e planos sonoros a partir de um lugar. No caso dos mercados, por exemplo, a compreensão de uma paisagem sonora urbana passava pela delimitação de espaços internos ou externos ao mercado, e como a cidade poderia ser enquadrada numa relação com o mercado, em termos das sonoridades. O mesmo podemos pensar em termos da construção de uma paisagem sonora urbana para o centro da cidade de Porto Alegre, onde estariam postos em relação diferentes planos sonoros, incluindo aquele da rua Voluntários da Pátria, pesquisada por Priscila Farfan.

A idéia de ambiência é amplamente utilizada por Michel Maffesoli (1996) ao tratar da vida social. Para o autor, os arranjos coletivos entre os habitantes da cidade, no espaço da rua e nas conversas de esquina, nas formas de sociabilidade e nas festas, no interior das multidões e seus movimentos, nos rituais religiosos, etc. estão carregados de uma emoção coletiva partilhada entre os sujeitos, através de uma ambiência de fruição estética (Maffesoli, 1996). Adotamos esta definição para pensarmos a ambiência sonora como parte dos efeitos de agregação (Maffesoli 1996) entre os sujeitos em suas formas de habitar os espaços da cidade. Segundo o autor:

assim como se pode considerar a arte como forma pura, é possível enxergar a sociedade como simples faculdade de agregação. É nesse sentido que a emoção estética pode servir de cimento. Com certeza este cimentará a partir de elementos objetivos: trabalho, ação militante, festas grupais, uniformes, ações de caridade, etc., mas estes só serão pretextos que legitimam a relação com outrem. (Maffesoli, 1996:29)

A ambiência, diferente da paisagem sonora, não delimita planos ou diz respeito a determinado enquadramento sonoro, mas está estreitamente ligada aos simbolismos e formas expressivas (Dawsey, 2000) adotadas ou veiculadas pelas imagens sonoras

de um determinado arranjo social ou espaço vivido. Podemos exemplificar pensado nos simbolismos cíclicos do alimento (Durand, 2001) expressos sonoramente na circulação da palavra, nas performances e jocosidades do mercado de rua, conformando uma ambiência de fruição estética (Maffesoli, 1996); nos simbolismos da intimidade e do repouso (Bachelard, 2000) nos recantos do bairro Tristeza, ou nos simbolismos do movimento e da vontade (Bachelard, 2000) do trânsito da avenida. A Ambiência sonora, neste sentido, diferente do olhar distanciado da paisagem, refere-se a um contexto onde os sujeitos participam partilhando sentidos, onde estão imersos.

### **Territórios Sonoros<sup>12</sup> no Arroio Dilúvio**

No âmbito do projeto *Habitantes do Arroio*<sup>13</sup>: *estudo de conflitos de uso de águas urbanas, risco, saúde pública e comunidades étnicas em Porto Alegre-RS*, coordenado por Ana Luiza Carvalho da Rocha e Rafael Devos, participo como pesquisadora colaboradora desenvolvendo pesquisa em etnografia sonora sobre a relação entre as paisagens sonoras do Arroio Dilúvio associadas ao tema da gestão das águas urbanas e suas transformações no tempo. Este arroio foi canalizado entre as décadas de 1940 e 1960, em razão das constantes inundações que a cidade sofria, dando início a um processo de urbanização que transformou as feições da cidade. Nas margens do Arroio Dilúvio foi construída a Avenida Ipiranga, uma das vias mais movimentadas da cidade de Porto Alegre. Um dos objetivos deste projeto, portanto, é investigar a memória da canalização deste arroio, partindo dos usos cotidianos, das

---

<sup>12</sup> Inicialmente, esta idéia surgiu a partir de uma pesquisa etnográfica sobre a Memória do Batuque no Rio Grande do Sul, que resultou no documentário “Os caminhos Invisíveis do Negro em Porto Alegre: a Tradição do Bará do Mercado” (2007), dirigido por Ana Luiza Carvalho da Rocha e tendo em sua equipe pesquisadores do Biev. Durante as gravações, percorremos territórios da cidade de Porto Alegre que são depositários das memórias do “povo de religião”, observando os sentidos e práticas atribuídos a estes territórios. Foi através da etnografia sonora nestes espaços, bem como nas casas de religião e nas entrevistas com pais e mães de santo que nos propomos a pensar a idéia de territórios sonoros. Como, no entanto, apontamos estas reflexões em outro artigo, ainda no prelo, retomo neste ensaio outra experiência etnográfica para pensar a idéia de território sonoro.

<sup>13</sup> “O Arroio Dilúvio nasce na Lomba do Pinheiro, Zona Leste da Capital, na Represa da Lomba do Sabão. Recebe vários afluentes como os arroios dos Marianos, Moinho, São Vicente e Cascatinha e deságua no limite entre os parques Marinha do Brasil e Maurício Sirotsky Sobrinho. Antigamente, o riacho passava sob a Ponte de Pedra, que existe ainda hoje, perto do atual Largo dos Açorianos. A microbacia do Dilúvio tem cerca de 80 quilômetros quadrados, dos quais 19% estão localizados no município de Viamão. A extensão canalizada do Arroio é de aproximadamente 12 quilômetros e existem atualmente 17 pontes (a primeira, no Menino Deus, foi construída em 1850) e cinco travessias para pedestres.” Cabe ainda acrescentar que o Arroio Dilúvio encontra-se atualmente poluído, recebendo cerca de 50 m<sup>3</sup> de lixo por ano. <http://habitantesdoarroio.blogspot.com>



formas de habitar suas margens e das memórias e pertencimentos que lhe são atribuídos. Para esta pesquisa temos realizado inúmeras saídas de campo, nas quais percorremos diferentes regiões deste arroio que atravessa Porto Alegre e cuja extensão chega a 14 km. Além disso, a pesquisa em acervos fotográficos sobre a construção do arroio, bem como entrevistas com antigos moradores da cidade que narram os ritmos temporais e o cotidiano com relação ao Dilúvio fazem parte deste contexto etnográfico.

No decorrer da pesquisa de campo observamos as diferentes apropriações dos habitantes da cidade em relação ao arroio, tendo em vista a diversidade de grupos que vivem em seu entorno: desde os moradores de rua que habitam as pontes do Dilúvio, até moradores de classe média e alta dos grandes condomínios às suas margens, além dos passeios e caminhadas ao final da tarde que são costume de alguns moradores, etc. Estas formas de apropriação e uso do arroio por seus habitantes se revela também a partir de processos de urbanização diferenciados, nos quais algumas regiões sofreram maiores e mais intensas intervenções do que outras, como é o caso das proximidades das pontes da Azenha e da João Pessoa, onde o fluxo de veículos é intenso, diferente dos espaços próximos às nascentes, como é o caso do Beco dos Marianos, onde encontramos ainda muita vegetação e ruas não asfaltadas. Todos estes fatores contribuem para pensarmos a paisagem do arroio dilúvio em termos de territórios sonoros particulares.

Para o caso deste ensaio irei apresentar algumas destas experiências etnográficas de campo com o objetivo de apontar aspectos relevantes dos territórios sonoros do Arroio Dilúvio, concentrando-me principalmente nas diferenças entre estes territórios, nos sentimentos de pertença locais e também de perda dos usos públicos dos “espaços de natureza” da cidade associados aos processos de urbanização. Cabe acrescentar ainda que esta etnografia sonora tem o desafio de evocar as interfaces da dinâmica cultural da cidade de Porto Alegre com o ecossistema do arroio Dilúvio, através do tempo, o que nos convoca a pensar a própria transformação destas paisagens sonoras do arroio Dilúvio com o passar dos anos e com o crescimento urbano de Porto Alegre.

Uma de nossas primeiras pesquisas exploratórias nas margens do arroio<sup>14</sup> se

---

<sup>14</sup> Neste dia a equipe de campo estava composta por Ana Luiza Carvalho da Rocha, Rafael Devos, Ana Paula Marcante Soares, Anelise Guterres e por mim. Nossa investigação contou com a produção de

deram no entorno das Pontes da João Pessoa e da Azenha, e próximo a vila Planetário, região central de Porto Alegre, num sábado à tarde. Era um dia ensolarado, mas com bastante vento, uma típica tarde de outono portoalegrense. A escolha deste espaço tinha algumas motivações: a observação das sociabilidades dos moradores da Vila Planetário nas margens do arroio bem como dos usos deste espaço por outras pessoas para passeios, caminhadas, prática de esportes, etc. o mapeamento dos moradores de rua habitantes das pontes, entre outros. No período em que permanecemos em campo, caminhando nas margens do arroio, observando suas pontes, gravando imagens (visuais e sonoras) e conversando com transeuntes, o trânsito de automóveis era bastante intenso, mesmo para um fim-de-semana. Isso se apresentou como um dos grandes desafios para a realização de uma etnografia sonora. Como captar as nuances do arroio e a insistências das águas que escoam até o Lago Guaíba, onde deságua o arroio, em meio as sonoridades sufocantes do trânsito? Como registrar as vozes dos moradores da região, ao contarem suas histórias no meio da rua?

A estas perguntas não esperava e não procurava uma resposta técnica (sobre qual o microfone que seria mais eficaz nestas situações, por exemplo), mas procurava interpretar os elementos que compunham esta paisagem e suas relações, a fim de compreender as formas sensíveis (Sansot, 1986) do lugar. Aos poucos, foi possível perceber (escutar) esta insistência das águas, que nos intervalos entre os carros velozes tomavam mais corpo, ou dos pássaros que resistem na avenida, em suas árvores, e mesmo do farfalhar das folhas ao vento. Esta escuta, que inicialmente parecia indicar um certo desapego ao lugar, por parte dos moradores da cidade, já que o fluxo impessoal do trânsito tinha ali proeminência em detrimento das apropriações coletivas de lazer foi surpreendida pela voz de Dona Alda, contando sua infância na beira do arroio, como moradora de uma das ruas adjacentes a avenida Ipiranga. Falando sobre o Arroio Dilúvio em uma das esquinas da avenida movimentada, surpresa com a motivação da equipe de pesquisa em “estudar o arroio”, Dona Alda contava histórias sobre o lugar em outros tempos e mal podíamos registrar a sua voz, diante do fluxo intenso de carros. Em seus jogos da memória (Eckert, Rocha, 2005) apresentava uma outra paisagem do arroio, ou Riacho Ipiranga, como também é chamado, uma paisagem onde ainda era possível a navegação de pequenos barcos, onde a vegetação era predominante, e que também passava pelo transtorno das cheias

do arroio.

Diante disso, colocava-me questões: seria possível pensar em um território sonoro relacionado aos espaços do arroio Dilúvio? Ou diversos territórios sonoros? Como, a partir desta “objetivação do natural” (Maffesoli, 1996) que canalizou o Riacho Ipiranga e construiu uma grande avenida, poderíamos realizar uma etnografia sonora que evocasse essa paisagem de um tempo outro?

Seguindo as considerações de Michel Maffesoli sobre a idéia de território-mito como um espaço onde se enraízam afetos e memórias, espaço de adesão e partilha comuns de sentidos, e onde o tempo se condensa, procurei refletir sobre esta dinâmica urbana das transformações, do crescimento urbano a partir das pistas deixadas pelas imagens sonoras: de fato, a água do arroio continuava a correr e nos contar o seu percurso, os pássaros continuavam o seu canto, nas árvores, persistentes. Mas não se tratava apenas da água, ou do canto dos pássaros, como sons isolados, e sim de uma ambiência do lugar onde esta dinâmica cultural da cidade incorporava o ecossistema do arroio Dilúvio. Uma relação conflitual, é verdade, afinal temos um arroio poluído e muitas vezes desprezado, mas parte também das memórias e histórias de muitos habitantes da cidade. Delineia-se aí, uma pesquisa vinculada a dimensão sensível da vida social e urbana, onde não apenas a dimensão do espaço está colocada, mas também a dimensão do tempo.

Foi na continuidade destas saídas a campo para o registro de imagens que estas idéias pouco a pouco começaram a tomar corpo. Em entrevista com os Senhores José e Marco Antônio, viajamos pelos tempos do arroio não canalizado, agora em outra região da cidade, o Areal da Baronesa, nas proximidades de sua foz. Pescarias, brincadeiras de criança na beira do riacho, embarcações de vendedores de frutas, de carvão ou lenha que atravessavam o arroio, diversos tipos de animais, como pássaros e peixes, entre outros, compõem o cenário vivido por estes vizinhos e compadres. Em suas histórias do lugar, de novo percorremos uma ambiência de proximidade com a natureza e com a água. Seguindo as pistas destas paisagens, percebemos no Areal da Baronesa a sinuosidade das ruas, que de certa forma insinuam a antiga presença do arroio. O trânsito fica nas margens do bairro, nas avenidas adjacentes, a água agora também está longe (ou embaixo do concreto da cidade), já que além da canalização do arroio, boa parte da Beira do Lago Guaíba também foi aterrada. A paisagem sonora destas ruas, diferente daquela da avenida Ipiranga, compõe-se das conversas entre vizinhos, dos passos dos pedestres nas calçadas, das sonoridades longínquas de

oficinas e outros estabelecimentos de trabalho ou de comércio.

Ainda de acordo com Michel Maffesoli “a imagem vivida no cotidiano, a imagem banal das lembranças, a imagem dos rituais diários, imobiliza o tempo que passa” (Maffesoli, 1996: 112), e assim notamos que para pensar o território sonoro precisamos associar às imagens sonoras que percebemos, escutamos e registramos no trabalho de campo a dimensão do tempo e seus enraizamentos de simbolismos, gestos e práticas. É preciso aderir, portanto, uma postura de investigação voltada à imaginação criadora (Bachelard, 1988), rompendo com uma suposta objetividade científica onde o estudo das sonoridades estaria pautado em sua dimensão empírica. Assim, seguimos ainda as considerações de Maffesoli sobre a idéia de território:

todos estes territórios, que é preciso entender no sentido etológico, esses ‘pontos altos’, esses lugares e espaços de socialidade, estão repletos de afetos e de emoções comuns, são consolidados pelo cimento cultural ou espiritual, em suma, são feitos por e para as tribos que aí escolheram domicílio. É alias, sua maior ou menor capacidade de exprimir (ser a expressão de) a ou as comunidades que a habitam que faz, de um espaço físico, um espaço vivido. (Maffesoli, 1996: 267)

É neste mesmo sentido que pensamos a idéia de territórios sonoros, através das potencialidades que as imagens sonoras que compõem determinados espaços têm de expressar a vida coletiva, os simbolismos e as práticas dos grupos que os habitam. No caso desta pesquisa etnográfica sobre a memória do Arroio Dilúvio e suas paisagens, nos deparamos com uma heterogeneidade de usos do espaço que conforma diferentes paisagens, algumas delas muito próximas destas lembranças de outro tempo relatadas pelos interlocutores da pesquisa. Na foz do Dilúvio, às margens do lago Guaíba, no parque Saint Hilaire e no Beco dos Marianos, próximos às nascentes, nos deparamos com uma paisagem sonora composta pela predominância do curso d’água, dos ruídos intermitentes dos insetos, latidos de cães, e canto de pássaros, entre outros sons que compõem uma ambiência natural, nos indicando que “a natureza não é um objeto inerte, que se pode utilizar a vontade; tem uma força intrínseca que se investe, segundo as ocorrências, de fatos da cultura, e que não deixa de fazer sociedade”; (Maffesoli, 1996:243). O território sonoro, portanto, caracteriza-se pela delimitação de um certo espaço a partir dos sons que lhe são peculiares, ao mesmo tempo que evoca enraizamentos temporais de práticas e sentidos. Trata-se de considerá-lo do ponto de vista do microcosmo, no interior de uma paisagem sonora de múltiplos planos, onde as sonoridades mais corriqueiras constituem-se como formas de

expressão de um espaço vivido em comum, onde circulam emoções e simbolismos, e onde se inscreve a memória coletiva, onde o tempo condensa-se no espaço.

### Referências

- BACHELARD, Gaston. *A Dialética da Duração*. São Paulo, Editora Ática, 1988.
- BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. São Paulo, Editora Ática, 2000.
- BARROSO, Priscila Farfan; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da.; VEDANA, Viviane. *O sentido do trágico na paisagem sonora do mundo urbano contemporânea*. Revista Iluminuras nº 19, 2007, Porto Alegre, PPGAS/UFRGS.
- BARROSO, Priscila Farfan. *Caminando por matices sonoros de una calle habitada: vendedores ambulantes y sus rastros perseguidos*. Revista Chilena de Antropología Visual, v. 11, p. 118-133, 2008.
- CERTEAU, Michel. de. *A Invenção do Cotidiano. Artes de Fazer*. Rio de Janeiro, Vozes, 1994.
- CHION, Michel. *Le son*. Paris, Armand Colin, 2004.
- DAWSEY, John Cowart. Nossa Senhora Aparecida e a Mulher Lobisomem: Benjamin, Brecht e o teatro dramático na Antropologia. In: Ilha, Revista de Antropologia. Florianópolis, Vol. 2, nº 1, dezembro de 2000.
- DURAND, Gilbert. *A Imaginação Simbólica*. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- DURAND, Gilbert. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. São Paulo, Martins Fontes, 2001.
- ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. Etnografia na rua e câmera na mão. Studium (UNICAMP), Instituto de Artes Campinas SP, v. 8, 2002.
- ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *O Tempo e a Cidade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.
- GUTTON, Jean-Pierre. *Bruits et sons dans notre histoire: essai sur la reconstitution du paysage sonore*. Paris, PUF, 2000.
- MAFFESOLI, Michel. *No Fundo das Aparências*. Petrópolis, RJ, Vozes, 1996.
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *Le Sanctuaire de désordre: l'art de savoir vivre des tendres barbares sous les Tristes Tropiques*. Paris V, Sorbonne, 1994.
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. VEDANA, Viviane. *A representação imaginal, os dados sensíveis e os jogos da memória: os desafios do campo de uma etnografia sonora*. In: Anais do VII Congresso de Antropologia do MERCOSUL (VII-RAM), Porto Alegre, 2007, CD-ROOM.
- SANSOT, Pierre. *Les Formes Sensibels de la Vie Sociale*. Paris, PUF, 1986.
- SANSOT, Pierre. *La Poétique de la Ville*. Paris, Petit Bibliothèque Payot, 2004.
- SCHAFFER, Murray. *A Afinação do Mundo*. São Paulo, Editora Unesp, 2001.
- SIMMEL, Georg. *Sociologie et Epistémologie*. Presses Universitaires de France, 1981.
- SIMMEL, G. *Simmel. Sociologia*. (org) Evaristo de Moraes Filho, São Paulo, ed. ática, 1983.
- SIMMEL Georg. *Cultura femenina y otros ensayos*, Revista de Occidente, Madrid, 1932.
- VEDANA, Viviane. *Fazer a Feira: estudo etnográfico das "artes de fazer" de feirantes e fregueses da Feira-Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre*. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS sob Orientação da Professora Doutora Cornelia Eckert, 2004.

VEDANA, Viviane. *No mercado tem tudo que a boca come. Estudo Antropológico da duração das práticas cotidianas de mercado de rua no mundo urbano contemporâneo*. 2008. Tese (Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

VEDANA, Viviane. *Sobre o mergulho na descoberta dos sons – experiência de escrutínio dos dados sonoros através da sua inserção no Banco de Sons*. Revista Iluminuras vol. 09, nº 21, 2008, Porto Alegre, PPGAS/UFRGS. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/issue/view/788>

VELHO, Gilberto. *O Desafio da Cidade: novas perspectivas da Antropologia Brasileira*. Editora Campus, Rio de Janeiro, 1980.

VELHO, Gilberto *Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

